

N. CLASS.	371.782
CUTTER	048v
ANO/EDIÇÃO	2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS –UNIS/MG

PEDAGOGIA

MARCELA SANTOS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA:
reforço da inferioridade das classes mais pobres**

**Varginha
2017**

FEPESMIG

Registro: 160054
Data: 12/10/14

MARCELA SANTOS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA:
reforço da inferioridade das classes mais pobres**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Dra. Terezinha Richartz

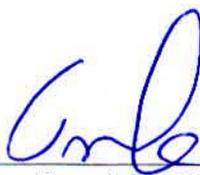
**Varginha
2017**

MARCELA SANTOS OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA:
reforço da inferioridade das classes mais pobres**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro
Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG, como pré-
requisito para obtenção do grau de licenciatura, pela Banca
Examinadora composta pelos membros

Aprovado em:



Prof. Dra. Terezinha Richartz



Prof. Monica Ribeiro Ramos



Prof. Ma Maria de Fátima Monerat Cruz Chaves

OBS:

Dedico meu trabalho primeiramente a Deus, que nunca me deixou faltar a fé, aos meus queridos pais, que acreditaram em mim neste período, ao meu namorado que esteve do meu lado, não posso esquecer de me dedicar esse trabalho tão árduo e complexo, que sem meu esforço nada disso estaria pronto, gerações a dedico também a minha orientadora e inspiração para a vida, Terezinha Richartz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me capacitou a cada momento e não me deixou desistir, pela fé e coragem que ele me deu. Agradeço aos meus pais pela confiança e esforços investidos. Agradeço ao meu namorado que por todo estresse obtido nessa fase nunca me deixou, agradeço imensamente também a minha professora, orientadora, Terezinha Richartz que me deu todo apoio necessário e me ajudou a chegar até aqui.

“A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de começar de novo.” F. Scott Fitzgerald

RESUMO

A violência é algo complexo e muito antigo, mas está em pauta, nas rodas de conversa de diferentes espaços sociais. Uma violência perceptível que deixa marcas. Muitos estudos procuram identificar a origem das causas dessa violência para poderem implementar medidas para seu controle. Mas é fundamental estudar a violência simbólica, silenciosa e imperceptível ela está presente nos vários espaços de atividade humana e segundo Bourdieu no âmbito escolar. É preciso identificá-la para compreendermos a forma como a classe dominante impõe seus valores aos menos favorecidos, reforçando o nó da discriminação e exclusão social. Por isso o objetivo deste trabalho é conceituar violência simbólica, através das reflexões e dos escritos de Bourdieu e Passeron e de artigos que analisam as consequências desse tipo de violência para os alunos da escola pública, principalmente os de classe mais pobre em relação a qualidade da educação, a eles oferecida, em relação a conclusão da Educação Básica e Ensino Médio, a aprovação no ENEM, o ingresso nas faculdades públicas e conseqüentemente o ingresso no mercado de trabalho. Os dados apontam que a violência simbólica está presente no cotidiano destas escolas, já que a educação escolar oferecida para os mais favorecidos é de qualidade superior, na maioria das escolas, do que a educação ofertada nas escolas públicas. Mesmo quando a educação das escolas públicas é de boa qualidade, a “imagem” construída no social, é de que a educação pública é inferior ao ensino ofertado nas escolas particulares, legitimando desta forma a manutenção da dominação-exploração dos mais pobres.

Palavras-Chave: Violência Simbólica. Educação. Escola pública. Exclusão.

ABSTRACT

The violence is something complex and very old, but it is in guideline, in the wheels of colloquy of different social spaces. A perceivable violence that leaves marks. Many studies look for to identify the origin of the causes of this violence to be able to implement measures for its control. But it is basic to study the symbolic violence, quiet and imperceptible it is present in the some spaces of activity human being and according to Bourdieu in the pertaining to school scope. It is necessary to identify it to understand the form as the ruling class imposes its less the most favored values to, strengthening in the one of the discrimination and the social exclusion. Therefore the objective of this work is to appraise symbolic violence, through the reflections and of the writings of Bourdieu and Passeron and articles that analyze the consequences of this type of violence for the pupils of the public school, mainly of the poor classroom in relation quality of the education, they offered, in relation the conclusion of the Basic Education and Average Education, the approval in the ENEM, the ingressión in the public faculties and consequentemente the ingressión in the work market. The data point that the symbolic violence is present in the daily one of these schools, since the offered pertaining to school education for the most favored is of superior quality, in the majority of the schools, of what the education offered in the public schools. Exactly when the education of the public schools is of good quality, the "constructed image" in the social one, is of that the public education is inferior to the education offered in the particular schools, legitimizing in such a way the maintenance of the domination-exploration of poor.

Key Word: *Symbolic violence. Education. Public school. Exclusion.*

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	10
2.1 A violência simbólica e a educação	11
3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS	13
4 RESPONSÁVEIS PELO REFORÇO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS	16
4.1 O Governo e as Políticas para o Sistema de Ensino Brasileiro	16
4.2 A herança.....	18
4.3 O Docente	19
4.4 A mídia	19
5 DADOS ESTATÍSTICOS	19
6 CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a violência presente em diferentes espaços sociais é um tema discutido e estudado. Ao longo da história do homem, é um fenômeno antigo e complexo. Durante séculos é cometida de várias formas pelo homem e no próprio homem. A violência é um ato de força excessiva que se emprega para conseguir uma coisa. É opressão, tirania, constrangimento e coação. Seu significado se define a partir de seu contexto formador social, econômico e cultural, de acordo com os valores adotados pela sociedade. A compreensão das causas de sua origem pode orientar as medidas para seu efetivo controle.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica que permitirá refletir teoricamente e exemplificar com dados já disponibilizados pela imprensa sobre um tipo de violência imposta à escola cotidianamente, silenciosa e opressora, porque mantém e reforça a desigualdade de oportunidades para os alunos das classes mais pobres. A violência simbólica presente na sociedade é imposta sem ser percebida. Ela afeta mais do que se imagina a classe pobre e é exercida de forma tão normal sem que o agressor e até mesmo a vítima perceba.

Através da análise e interpretação de livros, periódicos e artigos extraídos da internet conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis que esclarecerão as diferentes formas em que o aluno das classes menos favorecidas, pobres, sofrem desvantagens, discriminação, exclusão que reforçam a inferioridade da classe dominada perante a imposição da cultura dominante oculta na prática da violência simbólica.

Mas o que é esse fenômeno? De onde surgiu? Quem foi o criador desse conceito? Após justificar o que é a violência perceptível, aquela que deixa marca. O capítulo dois, apresentará a definição de violência simbólica, como também um pouco da história do criador dela, Pierre Félix Bourdieu, que aborda como de fato a violência simbólica na escola reforça a desigualdade social, a discriminação e a marginalidade, inculcando nos alunos os valores da classe dominante. O capítulo seguinte abordará esse fenômeno no âmbito escolar, principalmente, na escola pública, apontando as consequências para o aprendizado e conseqüentemente, para a inserção do indivíduo na sociedade, nos diferentes campos de atividade humana. O quarto capítulo indicará os responsáveis pelo reforço da violência simbólica na escola. E por fim o quinto capítulo apresentará dados estatísticos sobre os resultados dos alunos diante dessa violência em relação à conclusão do ensino Médio; resultados do Enem; ingresso nas universidades públicas bem como no mercado de trabalho.

A reflexão sobre as informações apontadas na leitura dos livros e artigos da bibliografia, permitirá questionamentos em busca de entendimento desse fenômeno.

2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Quando se fala em violência, o tema remete, frequentemente, a violência física e verbal, porque deixa marcas visíveis e perceptíveis. Cada vez mais se discute sobre a violência no âmbito escolar.

A violência simbólica está presente na sociedade nos diferentes campos de atividades humanas. Ela é imposta sem ser percebida, prejudicando mais do que se imagina as classes mais pobres, reforçando assim, os ideais da classe dominante. Ela é exercida de forma tão natural, sem que o agressor e até mesmo a vítima perceba. É imposta a tempos pela sociedade que é inevitável não a colocar em prática.

Quem criou o conceito de violência simbólica foi Pierre Bourdieu, Sociólogo francês, que nasceu em 1930, Bourdieu, empreendeu uma investigação sociológica do conhecimento que detectou um jogo de dominação e reprodução de valores sociais. Escreveu o livro *A Reprodução*, em parceria com Jean Claude Passeron, onde analisa o sistema de funcionamento da escola francesa. (FERRARI, 2011)

Bourdieu e Passeron (1992), conceituaram violência simbólica como o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados.

A violência simbólica pode ser definida como:

Mecanismo utilizado de forma sutil por classes dominantes a fim de legitimar certas crenças, comportamentos ou tradições. Os dominados (que acabam por reproduzir essas estruturas de forma inconsciente) legitimam essa imposição por pensá-las inevitáveis, ou até mesmo naturais (TIRADENTES, 2015, p. 2)

Bourdieu tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como natural a representação ou as ideias sociais dominantes:

A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que animam e sobre a qual se apoia o exercício da autoridade. [...] expressa-se na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O domínio não se opõe ao seu agressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável. (1992, p. 52)

A violência simbólica encobre as lutas de classe e torna legítimas as da classe dominante:

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o desconhecimento social do espaço, onde se trava simbolicamente, a luta de classes. (BOURDIEU, 1994, p. 25)

Nas escolas, por exemplo, as próprias pessoas fazem com que isso aconteça e as autoridades se baseiam nessa violência criada pelas instituições para exercer sua superioridade. Até as culturas das escolas públicas e privadas são distintas e isso prejudica os alunos de classes populares. Reforça-se um negativo sobre as classes mais pobres, que acreditam que o aluno da escola pública tem menos chances de aprendizagem e de fato isso acontece, e são vários os motivos que serão apresentados.

2.1 A violência simbólica e a educação

A escola, responsável pela transmissão da cultura escolar própria à classe dominante revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. Conforme aponta o sociólogo francês.

O âmbito escolar, é um meio onde se verifica nitidamente a presença da violência simbólica, eis que, trata-se de um dos campos mais eficazes para legitimar as produções das estruturas sociais [...]. A escola orienta sua estrutura pedagógica em prol daqueles que pertencem à classe dominante, respaldando ainda mais a estrutura preconizada por tais, (BOURDIEU apud TIRADENTES 2015, p. 2)

No artigo, *Dominação e Reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu, Stival e Fortunato (2008)*, elas escrevem que a escola ignora as diferenças socioculturais, selecionando e privilegiando em sua teoria e prática as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Isso significa que a escola favorece aqueles alunos e jovens que dominam a cultura da classe dominante e para tais alunos a escola é a continuidade da família e de sua prática social. Ao contrário os alunos provenientes das classes trabalhadoras, das classes mais pobres que precisam assimilar a concepção do mundo dominante. De acordo com Stival e Fortunato (2008) para esses alunos, a escola representa uma ruptura no que se refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural. Isso garante sucesso aos alunos que já estão inseridos na realidade social dominante e fracasso para os alunos das classes mais pobres.

Para Stival e Fortunato (2008) Bourdieu e Passeron, acreditam que existe uma violência inerente e inevitável, a violência da educação, pois toda ação pedagógica é uma forma de violência simbólica, porque reproduz a cultura dominante, suas significações e convenções, impondo um modelo de socialização que favorece a reprodução da estrutura das relações de poder.

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da "ordem social" uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2001 apud STIVAL, FORTUNATO, p.311)

Para Saviani (1983), a obra de Bourdieu e Passeron tem por objetivo a ação pedagógica institucionalizada, isto é, o sistema escolar, por isso o subtítulo da obra: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Para os autores da obra, essa teoria geral da violência simbólica, busca explicitar a ação pedagógica como imposição arbitrária da cultura (também arbitrária) das classes dominantes às classes dominadas. Para exercer a ação pedagógica é necessário a autoridade pedagógica. A ação pedagógica que se exerce através da autoridade pedagógica se realiza através do Trabalho pedagógico entendido.

Como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um habitus como produto de interiorização dos princípios de um arbítrio cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbítrio interiorizado. (BOURDIEU, PASSERON, 1975 apud SAVIANI, 1983, p. 21)

Segundo Bourdieu e Passeron para a compreensão do sistema de ensino é de fundamental importância a distinção entre trabalho pedagógico primário (educação familiar) e trabalho pedagógico secundário, cuja forma institucionalizada é o trabalho escolar. Portanto, Saviani (1983) conclui que a teoria da reprodução não deixa dúvidas de que a função da educação é a da reprodução das desigualdades sociais, isto é, pela reprodução cultural, ela contribui para a reprodução social. Então os alunos das classes mais pobres, marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente porque não possuem força simbólica (capital cultural), jamais encontrariam na escola apoio suficiente para superarem a marginalidade e a exclusão.

3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, a dominação). Essa violência se mostra nas relações de poder, na violência verbal entre professores e alunos, na discriminação indiretamente, de gêneros e raça/etnia, entre outras e descreve o processo pelo qual a classe que domina economicamente, impõe sua cultura aos dominados. (SOUZA, 2012)

A realidade nas escolas brasileiras é o aumento significativo de alunos, a massificação do ensino num cenário onde o índice de pobreza da educação é elevado e de poucos investimentos na área educacional. Acrescenta-se que a escola é vista como reprodutora das desigualdades sociais e que a exclusão é uma das grandes causas de violência na escola (SOUZA 2012, p.28)

As escolas brasileiras, relatam casos de violência porque os professores tomam sobre si a autoridade pedagógica, esquecendo de dialogar com seus alunos, para compreender suas dificuldades, seus problemas, em vez disso os ignoram, humilhando-os com agressões verbais, quando não conseguem responder às suas perguntas (STIVAL; FORTUNATO, 2008)

A educação, de certa forma, reproduz as desigualdades que se verificam na sociedade, por meio de mecanismos de dominação, da burocratização dos sistemas escolares, que se consolida por meio das políticas públicas. Toda ação pedagógica é exercida por uma autoridade pedagógica que vai executar um trabalho pedagógico. Para Rosendo (2009) o trabalho pedagógico deve ser considerado como uma inculcação de habitus (produto de interiorização de um arbítrio cultural) capaz de se perpetuar mesmo quando a ação pedagógica cessa, por isso é considerado muito eficaz. Daí a educação ser um instrumento fundamental para haver continuidade histórica, tendendo a ser uma pura reprodutora de arbitrios culturais pela mediação do hábito.

O habitus é o princípio gerador e unificador de prática devendo ser durável e transportável, isto é, aplicável a vários domínios. O trabalho pedagógico, pela inculcação de habitus tende a reproduzir a integração intelectual e moral. A integração social depende do habitus inculcado pelo trabalho pedagógico, o que vai permitir ao grupo ou classe que delegou a ação pedagógica numa determinada autoridade pedagógica, a reprodução cultural, moral e intelectual dos seus arbitrios. Portanto, sem autoridade pedagógica, não há trabalho pedagógico, pois, é este que, por sua vez, produz a legitimidade do produto digno de ser consumido. (BOURDIEU, PASSERON apud ROSENDO, 2009, p. 9).

A cultura escolar é necessariamente rotinizada, homogeneizada e ritualizada. Os exercícios repetidores são estereotipados e têm como finalidade a criação de habitus. O corpo professoral tende a reproduzir do mesmo modo que lhe transmitiram e desta forma, o sistema

de ensino realiza-se plenamente através de auto reprodução. É por isso que a cultura escolar, segundo os autores, Bourdieu e Passeron, anda sempre mais atrasada do que as transformações culturais em outras áreas. (SANTOS, 2014)

Sempre pensamos na escola como uma instituição que promovesse todos os indivíduos a uma situação de saber que lhes garantisse acesso à cidadania e a plenos direitos de sucesso, progresso e promoção social. Portanto, que ela oferecesse condições de ascensão social, às classes mais pobres, que lhes garantisse mercado de trabalho, ingresso nas universidades públicas e vida digna. Mas a realidade é inversa, a escola é mantenedora da desigualdade social e da marginalidade. Ela promove o afastamento das classes mais pobres dos seus direitos de respeito a diversidade cultural, das tradições comunitárias e de seus saberes práticos transmitidos na convivência familiar e do grupo. Por isso, podemos constatar que é crescente a violência nas escolas. Violência física, verbal e moral. No âmbito escolar perdeu-se o respeito, o bom senso, a gentileza e o fino trato entre professores, pais, alunos e até mesmo com os dirigentes das escolas. Onde chegaremos? A que fim será relegadas as escolas?

É muito triste pensar que existem diferenças entre a escola das classes mais elevadas e as classes mais pobres. Enquanto numa se privilegia estrutura física, metodologia, conteúdos, material didático e o trabalho bem remunerado e capacitado dos professores, na outra paga-se mal, há o descaso com a infraestrutura, o currículo é massificante e alienado à realidade. Será que esse tipo de situação é interessante? A quem interessaria que as camadas inferiores jamais pudessem deixar de ser subjugadas? Assim podemos entender porque a violência chegou às escolas.

Num olhar minucioso, percebemos que as diferenças são bem maiores, pois numa sociedade de classes, o patrimônio cultural das classes superiores (a linguagem, os valores, a forma de conduta, etc.) é valorizado pelo sistema de ensino institucionalizado, garantido aos alunos dessas classes, uma continuidade da família e da sua prática cultural, já que a escola ignora que os provenientes das classes trabalhadoras possuem outras características culturais e precisarão assimilar a concepção do mundo dominante. Para os alunos de classes inferiores, mais pobres, a escola representa uma ruptura no que se refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos, já que necessitam aprender novos padrões de cultura. (STIVAL; FORTUNATO, 2008)

Os estudantes das classes inferiores e média tendem a sofrer uma seleção mais forte, porque um bom domínio da língua é essencial na apropriação dos conteúdos escolares, portanto as classes mais afastadas da língua materna e das manifestações eruditas da mesma,

tendem a ter uma maior dificuldade na apreensão dos conteúdos escolares. Então os filhos de famílias de classes elevadas são os que obtêm melhores resultados.

Segundo Bourdieu e Passeron há uma relação direta entre o resultado escolar e a classe de origem em todos os níveis de ensino. O valor do indivíduo na escola, estabelece-se em função da distância entre o domínio linguístico exigido pela escola e o domínio que adquiriu através da primeira educação, a educação familiar. Para as crianças das classes pobres aquisição da linguagem escolar é muito difícil e por mais que se esforcem com as normas de verbalização seu desembaraço é forçado e pouco natural. (ROSENDO, 2009)

As classes mais pobres tendem a ter comportamentos como a depreciação de si, a desvalorização da escola e a resignação ao insucesso ou à exclusão. Estas atitudes constituem-se, na maior parte das vezes, como antecipações às sanções que a escola reserva às classes dominadas. Na verdade, a escola contribui para convencer o indivíduo a permanecer no seu lugar, o seu lugar natural.

Conclui-se que para os alunos de classes mais favorecidas a escola é uma continuidade de seu modo de viver e ser, isto é, não há grande diferença do ambiente escolar para aqueles ambientes aos quais estão acostumados a frequentar, o que favorece em tudo a adaptação desses alunos que obtêm resultados escolares considerados ótimos. Mas aqueles alunos que vem das classes menos desfavorecidas, para eles a escola é um ambiente totalmente novo, com novas regras, uma língua culta demais. Para esses estudar é a incorporação de um mundo alheio à vida deles. Com tantas desvantagens eles já se sentem excluídos e discriminados por terem uma cultura popular, um linguajar simples e suas próprias maneiras de sobreviver. A escola deveria minimizar tantas diferenças, mas ela coloca obstáculos e afasta tais alunos. Quem são os responsáveis pela manutenção dessas diferenças e conseqüentemente os reforçadores da violência simbólica na escola?

4 RESPONSÁVEIS PELO REFORÇO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA

Identificar os responsáveis pelo reforço da violência simbólica na escola é garantir que é possível minimizar a ação desses agentes promovendo a reflexão sobre a motivação desse reforço. Cabe a todos acabar com as convicções erradas que a sociedade impõe contra os pobres, todos precisam fazer um pouco para que nessa caminhada ao longo do tempo, façamos uma sociedade que entenda que são as diferenças culturais que enriquecem a história do povo.

Compreender a parcela de comprometimento do governo, da família, da escola através do professor e da grande formadora de opinião a mídia, ajudará a detectar causas e provavelmente a refletir sobre ações que minimizem a ação da violência simbólica nas escolas públicas, cuja a grande parcela de alunos originam das classes mais pobres.

4.1 O Governo e as Políticas para o Sistema de Ensino Brasileiro

O governo é um reforçador da violência simbólica na escola porque visa antes de tudo, resultados que o promova. Esquece que os resultados são obtidos quando se tem uma organização pedagógica, coerente com a diversidade cultural com a regionalidade de um país tão grande quanto o Brasil.

Quando a escola tem infraestrutura para oferecer as condições necessárias ao acolhimento, permanência e eficiência, para o bom desempenho dos alunos, ela atinge seus propósitos. Se a escola recebe os recursos destinados a ela, pode investir em qualidade equipando-se e modernizando-se para tornar-se atrativa, eficaz e moderna.

A qualidade do ensino que é oferecido na escola pública brasileira é muito baixa. Dados do SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico) e critérios definidos pelo próprio ministério da Educação mostram a distribuição dos alunos do sistema público de ensino nas categorias intermediário, adequado e avançado, crítico é muito crítico. No aprendizado de matemática na 4ª série, 12% estão no nível muito crítico, 40% no crítico e 40% no intermediário. Somente 8% estão com aprendizado adequado e nenhum no estágio avançado. Segundo o próprio INEP, isto significa que cerca de 52% das crianças na 4ª série (níveis crítico e muito crítico) não conseguem ler as horas em um relógio digital, nem realizar operações de multiplicação e divisão. No caso da 8ª série a soma de crianças nos níveis críticos e muito críticos atinge 60%, enquanto na 3ª série do ensino médio ela atinge 70% dos alunos. Apenas 3% dos alunos está no nível adequado na 8ª série e 8% no ensino médio. Estes dados mostram claramente a situação atual do ensino público brasileiro. (MENEZES FILHO, 2007, p. 4)

O Governo influencia fortemente as relações de força por causa das características fundamentais da estrutura de classes da sociedade capitalista, decorrente da divisão social do trabalho e baseada na apropriação diferencial dos meios de produção. Para o governo, a escola trata a todos igualmente, todos assistiriam as mesmas aulas, seriam submetidos as mesmas formas de avaliação, obedeceriam às mesmas regras e, portanto, supostamente, teriam as mesmas chances. Mas sabemos que não é assim.

Saviani aborda sobre a Teoria da Escola quanto Aparelho Ideológico de Estado (AIE). Ele escreve:

O Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição dominante. Nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, é o Aparelho Ideológico Escolar. (ALTHUSSER, 1971 apud SAVIANI, 1983, p. 24).

Para Saviani (1983) a escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção de tipo capitalista. Para isso ela toma a si todas as crianças de todas as classes sociais e lhes inculca durante anos a fio, saberes práticos envolvidos na ideologia dominante. Assim uma grande parte os de classes mais baixas, terminar a escolaridade básica e é introduzida no processo produtivo, muitos nem terminam e conseguem subempregos. Uma pequena parte consegue habilitar-se e atinge o ápice da pirâmide escolar. Estes, então vão ocupar os postos próprios dos agentes de exploração (no sistema produtivo); dos agentes da repressão (Aparelhos Repressivos de Estado) e dos profissionais da ideologia (nos aparelhos Ideológicos de Estado).

Sabe-se que o governo é um grande vilão para a educação, pois além das questões curriculares, conteúdos, metodologias e avaliação, a corrupção não permite investimentos para a modernização de prédios, laboratórios, aparelhos de multimídia, da merenda, etc. Um exemplo:

O ministério da Educação (MEC) constatou que 21 estados deixaram de R\$ 1,2 bilhão em ensino básico no ano passado. O dinheiro deveria ter sido repassado no FUNDEB (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica), principal mecanismo de financiamento da rede pública. Mas numa espécie de sonegação contábil, acabou livre para custear outras atividades. (WEBER, 2011, p. 1)

E tão grave é também a falta de valorização dos profissionais da educação que recebem salários muito aquém de suas necessidades de sobrevivência, plano de saúde e capacitação profissional.

4.2 A herança familiar

O pleno êxito escolar de um estudante depende em parte do apoio da família, que é essencial para o seu desenvolvimento. Daí pensar que:

As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (cultos, apropriados) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitarão o aprendizado escolar na medida em que funcionarão como uma ponte, entre o mundo familiar e a cultura escolar. (NOGUEIRA, 2002, p. 21)

Os agentes da escola organizam, consciente ou inconscientemente, os métodos e meios utilizados com o objetivo de determinados resultados. As famílias preparam seus filhos para responderem com mais habilidade e competência ao que a escola espera dela. O que acontece com aquelas famílias que não conseguem entender o jogo e sua realidade cruel, elas interferem de maneira desigual nos processos de aprendizagem de seus filhos, com consequências imediatas sobre a avaliação escolar.

Sato em seu artigo diz que a herança familiar de acordo com Bourdieu (1964) escreve que o sistema escolar legitima as desigualdades sociais e aceita a herança cultural e o dom como aptidões naturais.

Inspirada em Bourdieu visa demonstrar que o conjunto de bens materiais e/ou culturais de uma família pode ser herdado pelos filhos, na maioria das vezes, no convívio familiar. (BOURDIEU, 1964 apud SATO, 2012, p. 3)

A Educação do aluno depende do apoio da família, isso é essencial para o desenvolvimento do aluno.

Os estudantes de classe média ou da alta burguesia, pela proximidade com a cultura erudita, pelas práticas culturais ou linguísticas do seu meio familiar, têm mais probabilidade de obter o sucesso escolar. O que Bourdieu demonstra é que existe relação entre a cultura e as desigualdades escolares: a escola pressupõe certas competências que são adquiridas na esfera familiar. (BAUDELOT, 2002 apud VASCONCELLOS, 2002, p. 79-80)

As famílias de alunos de escolas privada acabam dando mais assistência para seus filhos dentro de casa, nas lições, nos trabalhos, participam das reuniões, pois tem tempo de fazer isso, e os de classe mais pobre, os pais precisam trabalhar mais, e não tem tempo para seus filhos.

4.3 O Docente

Hoje ser professor é um trabalho reconhecido, no qual o profissional que o realiza deve ter certa formação, em nível universitário. A maioria das escolas tem funcionamento semelhante, portanto, os professores fazem seu trabalho em classe rotinizado e apoiado em tradições: entram na sala, realizam a chamada, relatam as atividades do dia, passam as lições, etc.

Desse modo, o trabalho docente acaba se tornando em alguns aspectos rotineiro, demasiadamente calculado, controlado, planejado de forma que nada fuja do contexto ou possa se tornar mais interessante. Está normalmente submetido a regras e normas que pretendem organizar o espaço escolar. Estas ditadas por leis maiores e até mesmo pela própria escola.

Mas os alunos são indivíduos que chegam à escola com emoções que lhes são próprias, com uma bagagem cultural diversificada e na maioria das vezes sem as noções básicas de ética social. É natural que haja um choque. Não tem como omitir a violência dos professores dentro das salas de aula. Inconsciente muitas vezes, mas eles repetem a própria violência sofrida, principalmente quando se trabalha em uma escola pública, onde os salários são menores e as condições de trabalho menos favorecidas.

Ser professor não é uma missão fácil. Todos nós sabemos disso, pois muitas vezes a luta não é apenas em sala de aula. Hoje o professor assume mais que conteúdos, pois nas salas de aulas os alunos chegam trazendo sua carga emocional, familiar e social. A escola não é tão competitiva, quanto as praças, as ruas, o shopping. Os livros didáticos não têm o brilho dos celulares nem o movimento dos vídeos games. Enfrenta-se pais que acham que seus filhos têm sempre razão.

Professores que estão desacreditados, que recebem baixos salários e que também são vítimas de violência e carregam essa violência para suas salas de aula. Não acreditam na capacidade dos alunos mais pobres, porque lhes faltou oportunidades, mas se esforçam para que eles os abastados tenham uma aprendizagem mais eficaz, que sejam mais eficientes, por que são mais fáceis de lidar.

4.4 A mídia

Vivemos no século da comunicação e a mídia tem grande influência sobre o comportamento das pessoas, isso é fato. Os meios de comunicação, principalmente a Internet e a Televisão impõem modelos para serem seguidos, padrões de beleza e estilos de vida. Em

uma novela percebemos a diferença, das classes a superiores e as inferiores, onde o mais pobre é aquele que sofre, que se veste mal, que trabalha com precariedade, e os ricos aqueles que vivem uma vida boa.

Falaremos aqui especificamente da Televisão. Por sua própria estrutura e linguagem, a televisão é marcada por é simbólica. Basta observarmos a rapidez com que as notícias são apresentadas, passando-se por exemplo, de uma situação que expresse miséria, guerras, chacinas, para uma situação de diversão, entretenimento, por vezes até fictícia. Com a mesma expressão com que se anuncia a morte, anuncia-se o último capítulo da novela, o produto recém-lançado no mercado, o desfile Morumbi-fashion... passamos a chorar pela virtualidade e nos tornamos passivos e apático frente a realidade. É retirado o direito de serem preservados em sua integridade física e psíquica. [...] Uma marcante expressão de violência simbólica na televisão está nas propagandas comerciais, que enaltecem a sociedade de consumo, impondo padrões de estética, de competitividade, de sucesso, de privacidade, de narcisismo, que fazem com que o cidadão seja reduzido ao papel de mero consumidor, sendo reduzida sua personalidade e sua visão de mundo. Tudo se torna mercadoria. O sexo banalizado exerce violência simbólica, especialmente sobre crianças e adolescentes, dos quais é retirado o direito de serem preservados em sua integridade física e psíquica. (NOVAES,2007, p 1)

5 DADOS ESTATÍSTICOS

Diante de uma reprodução velada de violência simbólica nas escolas os resultados estatísticos não são animadores. Num paralelo entre a escola privada e a escola pública, sem dúvidas os alunos que possuem capital economicamente para frequentar uma escola particular têm muito mais chances de êxito em quaisquer exames que façam. Não estamos dizendo que é a escola perfeita mas a realidade cotidiana reproduz a realidade da sociedade, o que é uma grande vantagem sobre as escolas públicas.

Fala-se em mais crianças nas salas de aula, mas os números de aprendizagem e sucesso dessas crianças é muito baixo. Nas classes intermediárias a aprendizagem é deficiente, o currículo ineficiente e a metodologia não satisfaz a professores e muito menos aos alunos. As diferenças são provadas em dados:

As escolas privadas dominam, mais uma vez, a lista de maiores notas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Segundo dados, considerando as médias aritméticas das quatro provas objetivas no Enem 2014, só 93 escolas públicas entraram na lista de mil melhores. Isso representa menos de 10% do total. Apesar disso, esse número representa um avanço em relação à edição anterior, quando só 78 escolas públicas (7,8% do total). (MORENO; SOARES, 2014, p. 1)

Os dados confirmam a dificuldade da escola pública em levar seus alunos ao sucesso, uma vez que eles já chegam em desvantagem por serem pobre, pelos pais trabalharem em subempregos, sem expectativas além de pouca escolarização.

A diferença continua. Os alunos da escola públicas são menos favorecidos. “Mais de 40% das crianças brasileiras que ingressam na 1ª série do Ensino Fundamental não são aprovadas, de acordo com dados do Ministério da Educação (MEC). Ao final de um ano de aulas, elas não aprenderam a ler e escrever”. (PELLEGRINI, 2000, p.1)

Sato (2012) em sua pesquisa conclui que alunos cujos pais tem boas condições financeiras, estabilidade no emprego, moradia própria, lazer tem mais possibilidades de sucesso no exame de vestibular e geralmente ocupam a maioria das vagas oferecidas pelas universidades públicas estaduais ou federais. Filhos que moram com seu pais ou parentes sentem-se mais seguros para iniciar e terminar um curso.

Os alunos são prejudicados nas greves, pois a reposição de aulas não é feita no período correto.

Os alunos de escolas públicas, por culpa de muitos outros aspectos não conseguem atingir nota suficiente para ingressar numa universidade federal. Muitos deles estudaram em escola pública porque não tinham condições financeiras para pagar um curso de ensino médio,

consequentemente não teriam também condições financeiras para pagar o curso superior. Por isso foi necessário criar a cota para alunos pobres e negros das escolas públicas, para que eles não sejam obrigados a concorrer com alunos das escolas privadas.

Basta uma oportunidade para que os pobres mostrem seu talento e sua capacidade de passar em uma universidade com muita competência, apontando que as dificuldades são sociais e não biológicas. As cotas foram criadas para que essas oportunidades fossem dadas, e para que essa violência que cometem sobre os pobres diminuíssem. Veja os dados da UFMG

Cotistas que chegam à universidade federal de Minas Gerais (UFMG) obtiveram notas superiores aos dos não cotistas ingressantes em 2013, último ano em que o vestibular foi a porta de entrada para uma das maiores instituições públicas do Brasil, segundo levantamento das notas de cortes dos últimos quatro anos a que o estado de Minas teve acesso, em praticamente todos os cursos [...] (CRUZ, 2016, p.1)

Mesmo quando um aluno cotista obtém sucesso, isso não demonstra que a regra geral poderia ser revertida se houvesse empenho em busca de uma educação de qualidade para todos em todas as escolas: públicas ou privadas. Isto é, mesmo que a educação das escolas públicas seja de boa qualidade, o paradigma social impede a ascensão cultural de um aluno de classe mais pobre, porque ele tem que quebrar uma imagem social e provar que ele é capaz de superar-se, isso é violência simbólica legitimando a manutenção da dominação pois o aluno pobre, apesar de seu sucesso escolar, ou seja seu resultado positivo tem que provar que é merecedor de tal feito.

5 CONCLUSÃO

O objetivo desta monografia foi conhecer e entender um tipo de violência muito comum nas escolas, principalmente nas escolas públicas, a violência simbólica, refletindo a consequência dela no reforço da inferioridade dos alunos das classes mais pobres.

Falar em violência sempre remeteu a violência física, ou seja, a violência que deixa marcas. Mas a violência simbólica é tão grave quanto a violência física. Um conceito criado por Pierre Bourdieu, que mostra um jogo de dominação e reprodução de valores sociais, presente em nossa sociedade nos diferentes campos de atividade humana e consequentemente nas escolas. Usado pela classe dominante para inculcar e impor seus valores para as classes mais pobres, ou seja, os dominados.

Refletindo a força dessa violência na escola, percebe-se que para os alunos das classes menos favorecidas, a escola é a reprodução de um ambiente que eles não conhecem, que desfavorece em tudo o que sabem e conhecem da vida, principalmente a herança familiar determinante para o sucesso e a permanência do aluno na escola, ou seja, um elemento diferencial entre a qualidade da escola privada e da escola pública. Assim, também a ação pedagógica exercida por uma autoridade pedagógica durante seu trabalho pedagógico. Profissionais motivados, preparados e capacitados fazem a diferença na sala de aula. Mas observa-se o contrário nas escolas públicas; sobrecarga de aulas em várias escolas, material escasso e de pouca qualidade; recursos de mídia e internet de segunda; além da falta de interesse e participação dos familiares.

Por isso, diante dessas constatações ao longo do trabalho, conclui-se que é necessário levar ao conhecimento da comunidade escolar, os efeitos e as consequências da violência simbólica propondo ações que amenizem os seus efeitos nas gerações futuras que frequentarão as escolas públicas. Que é preciso cobrar do governo mais investimentos em materiais, metodologias e infraestrutura para não haver distinção entre ensino público e privado; remuneração que valorize bem mais os profissionais que atuam nas escolas públicas para que tenham qualidade de vida e condições de aprimoramento e capacitação; incentivar e possibilitar a modernização e aparelhamento dos laboratórios de multimídia, a internet, TVS que ofereçam programas de formação cidadã com qualidade cultural; implementação de políticas sociais que permitam às famílias trabalho, salário e moradia, permitindo assim que elas acompanhem mais seus filhos preparando-os para a sala de aula, para a convivência em grupo e o respeito à autoridade; reconhecimento e valorização do sucesso de alunos das classes mais desfavorecidas nos cursos das universidades, nas profissões escolhidas e quanto

a sua ocupação no mercado de trabalho, premiação das escolas que obtém resultados expressivos no Enem e nos vestibulares de universidades públicas.

Concluindo, a violência simbólica é algo que é exercido a muito tempo em diferentes campos da atividade humana, inclusive no âmbito escolar. A escola será a redentora das classes mais pobres, quando reconhecendo os sinais desse tipo de violência investir em ações mediadoras e inovadoras que abrandem as desigualdades sociais e promovam o resgate desses alunos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. **Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção: Grandes Cientistas Sociais, Vol. 39).

BRANDT, Joice. **Violência simbólica: uma reflexão acerca do habitus docente**. Lajeado: UNIVATE, 2014. Disponível em:

<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/626/1/2014JoiceBrandt.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

CRUZ, Márcia Maria. Notas de alunos que ingressam na UFMG pela cota já supera a dos não cotistas no último vestibular. **Jornal Estado de Minas**, 26 jan. 2016. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2016/01/26/internas_educacao,728318/nota-de-alunos-que-ingressam-na-ufmg-pela-cota-ja-supera-a-dos-nao-cot.shtml>. Acesso em: 31 maio 2016.

FERRARI, Márcio. **Pierre Bourdieu**. 2011. Disponível em: <[Http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/pierre-bourdieu-307908.shtml](http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/pierre-bourdieu-307908.shtml)> Acesso em: 09 abr. 2017.

MENEZES FILHO, Naercio. **Os determinantes do desempenho escolar do Brasil**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/366459-Os-determinantes-do-desempenho-escolar-do-brasil.html>>. Acesso em: 31 maio 2016

PELLEGRINI, Denise. “A culpa pelo fracasso não é do aluno”. **Nova Escola**, fev. 2000. Disponível em <http://novaescola.otg.br/conteudo/342/telma-weisz-a-culpa-pelo-fracasso-nao-e-do-aluno>>. Acesso em: 18 set. 2016

RECUERO, Raquel; SOARES, Priscila. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva depressão”, **Galáxia**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 239-254, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532013000300019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 de setembro 2016

ROSENDO, Ana Paula. **A reprodução: elementos para uma teoria do ensino**. Covilhã: Lusosofiapress, 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/49053-A-reproducao-elementos-para-uma-teoria-do-sistema-de-ensino.html>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

SATO, Silvana Rodrigues de Souza. O papel da Herança familiar na seleção escolar: o caso do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina. **IX ANPED SUL**, 2012. <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Psicologia_da_Educacao/Trabalho/06_41_08_1868-7354-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

SILVA, Nair da. **A violência simbólica o contexto escolar no olhar constitucional, conceitual e legal**. Curitiba: UFPR, 2015. Disponível em:

<<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42250/R%20-%20E%20-%20NAIR%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 maio 2017.

SANTOS, Liliane. **Educação e trabalho na saúde coletiva brasileira**: estudo de caso sobre a criação dos cursos de Graduação na área de Saúde Coletiva nos cenários nacional e local. 2014. 201f. Tese (Doutorado)- Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2014. p. 31-37.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17887/1/Tese%20Liliana%20Santos.%202014.pdf>>
Acesso em: 09 abr. 2017.

SOARES, Wil; MORENO, Ana Carolina. Escolas públicas são menos de 10% entre as mil com maior nota no ENEM. **Globo G1**, São Paulo, 05 ago. 2015. Disponível em: <<http://gl.globo.com/educação/noticia/2015/08/escolas-publicas-são-menos-de-10-entre-mil-com-maior-nota-do-enem.html>>. Acesso em 31 maio 2016

SOUZA, Liliane Pereira de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar Brasileira. **Revista LABOR**, [S. l.], v. 1, n. 7, 2012. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_Liliane_Pereira.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2017.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu. Educare, **Anais**, 2008. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2017.

TIRADENTES, Adrielly Rocha. Violência simbólica no contexto escolar: discriminação, inclusão e o direito à educação. **Revista Eletrônica do Curso de Direito**, Serro, n. 12, p. 33-48, ago./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/10903-43594-1-pb.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica educação e sociologia. **Educação & Sociedade**, [S. l.], ano XXIII, n. 78, p. 77-87, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2016